

REFLEXÃO

O FUTURO É VERDE

LUIZ CARLOS CORRÊA CARVALHO
Presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG)

Todos respiramos o mesmo ar. Todos nos preocupamos com o futuro dos nossos filhos. E todos somos mortais.
John F. Kennedy,
35º presidente dos EUA

TUDO COMEÇA na década de 70 do século XX, no Clube de Roma, com o relatório "Os Limites do Crescimento", elaborado por uma equipe do Massachusetts Institute of Technology (MIT). Foi uma luz que iluminou um novo caminhar, um verdadeiro despertar da humanidade em relação aos limites do Planeta e às ações do homem, e que encaminhou conceitualmente um consenso na busca incessante pela sustentabilidade.

Nada mais seria como antes! A Ciência encheu-se de brios e, em escala, passou a produzir análises consistentes que apontavam para as insustentáveis formas de se produzir e se consumir, em face dos limites naturais.

Como sempre, essa forte mudança conceitual que atingia o modo de ser e de fazer sofreu ataques dos mais variados e, também, radicalizou posições que criaram muitas dificuldades de aceitação, como as que se vê até hoje. Criou classes de defensores e exageros classistas, gerou organizações com interesses dos mais variados, mas também salientou países, áreas e setores da economia que, mais tarde, se tornaram *winners* globalmente falando.

Narrativas foram criadas, mesmo sem o suporte científico fundamental, permanecendo lógicas de interesse competitivo. Em sentido oposto, surgiram outras narrativas, acelerando um positivo movimento global em direção ao verde, à vida, à bioeconomia.

Grupos de países (G7 e G20) buscam concentrar ações nesse tema – e o Brasil é agraciado com a presidência do G20 em 2024. O tema da bioeconomia é, então, carregado em uma bandeira verde, amarela e azul e consagra o que o Brasil tem de mais relevante, e onde tem protagonismo: o agro! E é este que o País precisa qualificar e a que o setor privado precisa saber agregar valor.

O verde é a cor que expressa aquilo de mais relevante ao ser humano, um símbolo que exprime a esperança, que empurra a natureza humana a buscar o melhor, a valorizar o futuro da raça.

Nos dias de hoje, o radicalismo cinza busca sobrepor-se ao verde, inclusive maliciosamente, camuflando-se em tons esverdeados para estancar – ou reduzir – o processo de busca pela sustentabilidade.

Seja por meio das grandes corporações globais ou dos políticos oportunistas, aproveitar-se de um mundo com enorme *gap* social é uma forma de empurrar no tempo o processo de mudança iniciado na década de 1970. Foi naquela época que houve o início da Revolução Verde brasileira – o processo que transformou o Brasil, sob as chuvas de verão nos cerrados descobertos, mas também sob as constantes precipitações de críticas dos visionários de popa sobre esse incrível processo de mudança.

É fundamental trabalhar narrativas reais do que faz o Brasil, conseguindo quebrar o coração do consumidor europeu, envolvido com os interesses não saudáveis de uma competição protegida. É mister mostrar não só a qualidade e a sustentabilidade, mas, também, o potencial de oferta e de produtividade que se conquista ano a ano, que segura a inflação, que traz o verde construtivo.

Criamos o futuro! Vamos, pois, defendê-lo! ■

"É fundamental trabalhar narrativas reais do que faz o Brasil, conseguindo quebrar o coração do consumidor europeu, envolvido com os interesses não saudáveis de uma competição protegida."